

Gostaria de, em primeiro lugar, sublinhar a satisfação que a leitura de seu trabalho me provocou. Satisfação que me acompanhou página por página, mesmo quando, às vezes, read estivesse totalmente de acordo com uma ou outra análise, com uma ou outra afirmação.

A primeira impressão forte que a leitura de sua tese me deu, mas suas páginas iniciais, impressas que se foi tornando, ao longo da leitura, uma convicção, é a de que sua tese é, sobretudo, o relato de sua inquieta busca, permanentemente busca em que vou se encontra e a que me seria demasiado difícil renunciar. Talvez, por isso, é que se sintia em seu trabalho a presença constante do homem que o escreveu e do concreto sobre o qual falou.

Sua tese não tem nada que ver com certos livros - e quanto! - cujos autores, trombetando o respeito à objetividade, pretendem realizar o impossível: fazer sua subjetividade. Como se não estivessem ambas em dialética relação. Como se o mundo fosse um enorme laboratório de anatomia e a realidade um cadáver que o analista fosse dissecando, peça por peça, de máscara e de lunas. Como se a objetividade da ciência, o rigor científico, o respeito pela verdade da realidade fossem sinônimos de neutralidade. Como se o investigador não fizesse parte, também, da realidade que analisa. Como se sua prática científica se explicasse por si mesma e não, como toda prática, pelas finalidades que a motivam.

É porque você critica e rechaça esta neutralidade impossível - ~~(uma parentese, gostaria de dizer: Toda neutralidade proclamada é sempre uma operação oculta)~~ - é que sua busca ~~se tornou~~ <sup>se dá</sup> comprometidamente, de maneira radical, jamais sectária, por isso mesmo aberto ao diálogo e não inclinado à polêmica. Ao diálogo, inclusive sobre estes temas considerados polémicos. É a radicalidade, característica de toda posição crítica e não inferior ~~que contém~~ ou "irracional", que constitui um dos aspectos altamente positivos de seu trabalho. Se, de um lado, o homem ou a uni-

O ser radical não se pretende possuidor da verdade, de outro, nunca concessor a ninguém no processo de sua busca. É que, no momento em que se acomoda apertadamente, em que se queda silencioso ou tímido quando devia dizer a palavra, em que cruza os braços quando devia agir, capitula antes de lutar.

Como um educador que jamais acreditou no mito da neutralidade da educação, convencido de que toda neutralidade afirmada é sempre uma opção escondida e que li sua tese, assumindo, na sua literatura a sua radicalidade e a sua veemência na crítica a esse mito.

Como um educador que toma o ato educativo como um ato político, em cuja preocupação fundamental, diante de sua tese, procurando nela adentrar-me, foi, em primeiro lugar, perceber como você percebia este ato e como nele se experimentava. Esta era para mim a questão de fundo. Por isso é que por ela comecei esta conversa com você. Conversa em que ele diz o também como um homem de uma geração que precede à sua e de uma região - a do nordeste do Brasil, que não é a sua, da importância de seu trabalho para o Brasil.

A denúncia que você faz da <sup>chamada</sup> utilificação da educação permanente, que não surge por acaso nem por obra voluntarista de educadores, mas como resposta necessária a certos problemas das sociedades capitalistas avançadas, cuja permanência a educação chamada permanente pretende apurar, em que pese sua proclamação de neutralidade, é indiscutivelmente atual para o Brasil.

Gostaria de alongar nesse diálogo nesta manhã propondo algumas reflexões que me surgiram ao longo da leitura de sua tese. A primeira delas seria em torno da necessidade de resgatar o caráter permanente da educação como que fazer estritamente humano. Na verdade, faz parte da essência do ser da educação a permanência. O adjetivo permanente juntado a ela não é só uma redundância, mas, o

que é pior, uma distorção. A educação é permanente, I - na medida em que os seres humanos, enquanto seres históricos, ~~no mundo~~ e com o mundo, são seres inacabados e conscientes de seu inacabamento; II, na medida em que se vive em uma realidade igualmente inacabada. Uma realidade contraditória e dinâmica, realidade que não é, pois, para ser tem de estar sendo. Esse caráter permanentemente da educação não tem nada que ver, porém, com a chamada Educação Permanente que você lucidamente critica. É que esta educação parece vir existindo, através do adjetivo permanente com o qual consta o substantivo educação e a redução de toda educação a ela, isto é, a Educação Permanente. É como se seus teóricos, ou melhor, seus ideólogos, "retirando" do ser da educação a qualidade da permanência, transformando-a num adjetivo neutro, erigissem <sup>própria</sup> a educação ~~mesma~~. Daí a necessidade do resgate de que antes falei. Neste sentido, a análise crítica feita por você em termo da não neutralidade da educação chamada permanente é uma análise da educação mesma.

Comentar aqui a coincidência de haver começado a leitura da tese em Luanda e São Tomé. Falar do papel da educação nestas sociedades em transição - a educação colonial - a nova educação - a educação e a prática social - o perigo da infiltração da ideologia veiculada pela Educação Permanente nestes países. A importância da tese para esses países.

Uma outra reflexão que implica numa indagação que lhe faço diz respeito ao próprio título da Tese: A educação contra a Educação.

É certo que me assalta, ao nível em que me acho na compreensão da educação (daí a necessidade de um esclarecimento que talvez me mova de onde estou) é que, ao considerar uma certa educação como anti-educação você, necessariamente caía na perfilização a priori de um

modelo de educação que seria a educação. E por isso que tenho preferido discutir a educação como prática da domesticação e a educação como prática ou façanha da liberdade.

Comentar mais, se for o caso.

Enquanto resta o desenvolvimento da consciência de si do sujeito é indispensável e se acha em relação dialética com o desenvolvimento da consciência das coisas e dos fatos que o rodeiam, naquela se apresenta ao educando a realidade como <sup>um</sup> dado ai, feito e acabado.

Na educação como façanha da liberdade ser consciente não é uma fórmula ou um "flogar", mas a forma de estar sendo dos seres humanos, enquanto seres que não apenas conhecem mas sabem que conhecem.

Na linha desta consideração, citarei um trecho de Ser, na pag 128, permitindo-me um comentário:

« Penser c'est une chose que la conscience technocratique ne peut pas se permettre ni permettre à d'autres. Il faut agir et agir vite. Pour cela il faut éviter toute discussion "in-utile". C'est pour quoi, la discussion sur les fins du travail humain et sur la condition humaine est absente. »

A discussão sobre os fins do trabalho humano e sobre a condição humana existe para o tecnocrata mas tanto porque pensar para ele, em lugar de agir e agir depressa, <sup>seja</sup> "inutil".

Até está a consciência ideológica em que ele se esconde, a maneira da consciência com que se defende. Na verdade, pensar o processo de trabalho é vetado porque é perigoso. Não há como se esperar de uma educação, com ou sem aditivos, a serviço da preservação do modo de produção capitalista, que torne como objeto de reflexão crítica o processo produtivo. Uma tal mentalidade terminaria por desvelar a razão de ser da alienação do trabalho, de sua degradação. Por isso mesmo é que a ênfase exclusiva deve ser dada não à formação <sup>e política</sup> intelectual do

Trabalhador, mas a seu treinamento em dis-  
treitas cada vez em menor tempo. Daí a ideol-  
ógica "desideologização" e despolitização da Educ.  
Permanente que você desvela e desmuda em  
seu estudo.

Em recente e excelente livro, *Labor and Monopoly Capital - The degradation of work in the Twentieth Century*, diz Harry Braverman: "quanto mais a ciência é incorporada ao processo de trabalho, tanto menos o trabalhador compreende o processo; quanto mais a máquina se torna um produto intelectual sofisticado, tanto menos controla e compreende a máquina o trabalhador humano. Em outras palavras, quanto mais o trabalhador necessita de conhecer no sentido de permanecer um ser humano no trabalho, tanto menos ele ou ela sabe".

Apenas em alguns pontos mais, entre os assuntos que sua tese suscita, gostaria de tocar.

Um deles diz respeito às relações entre educação e produção. Relações necessárias e fundamentais. A maneira, porém, como essas relações se dão depende das finalidades e objetivos políticos de quem detém o poder.

Uma sociedade que aspire a tornar-se uma sociedade de trabalhadores, com a superação das dicotomias básicas que conhecemos, a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual (prática e teoria) a dicotomia entre ensinar e aprender, e finalmente, a dicotomia entre conhecer o conhecimento existente e criar o novo conhecimento tem de ter necessariamente no trabalho produtivo a fonte do conhecimento. De tal forma que, em certo momento, foi necessário estudar para trabalhar, foi necessário trabalhar para estudar porque se estuda ao trabalhar.

O outro ponto, é o das "cidades educati-  
vas", projeto que não me parece ser, em si mesmo,

real.

depende { a quem serve e a quem desceve  
 este propto  
 o que conhece e como conhecer  
 em d'ultima relação com o que pro-  
 duzir, como como produzir, o para  
 que produzir  
 etc  
 etc etc

Para terminar direi que não vim aqui  
 propriamente para arguir-lo, mas para  
 prolofar muitas das conversas que temos  
 tido em unum e para dizer-lhe, de  
 público, não apenas do valor de sua  
 Tese, com que você qualificará o doutor  
 que já é, independentemente <sup>de</sup> dela, mas tam-  
 bém para afirmar o convite que espero  
 ainda de você.